



Conto (ou Angústia)*

Hadasa Cytrynowicz**

– E então doutor? Disse ela preocupada, levantando os olhos bem abertos, para poder ver melhor o rosto do médico, se não escondia algo? – O seu coração está perfeito, não vejo nada de especial, respondeu o profissional. – Doutor, e a dor? A dor? Repetia ela com voz engasgada. – Acho... acho que é angústia. – Angústia? – Queria lembrar-se com esforço o que queria dizer essa palavra, o que era essa palavra no dicionário: Angústia... não conseguia visualizar os sinônimos. Deve ser algo triste, dor, sofrimento, um peso... Angústia, doutor, mas como? Por quê?

Sexta-feira, é o dia da feira, levantar-se, tomar café correndo, apressar-se, ver as notícias num pé... Ficou a olhar-se num espelho, um hábito que tinha, olheiras... Bem, pensou, não estou mais moça, mas daqui a pouco tudo vai melhorar, estava cansada.

Comprou e comprou correndo, sempre correndo, só sabia viver correndo. Legumes, frutas, ovos, todas as cores do arco-íris, já estava acabando a feira e pensou, que hoje iria comprar flores para casa, sim, hoje iria enfeitar a casa, hoje iria se sentir bem melhor... Já estava pagando as flores, e eram caras, quando viu uma figura estranha. Ele estava vestido demais, roupa sobre roupa, alto e magro, com muitos pacotes. Os pacotes eram de papéis amassados, não havia nada além dos papéis amassados. Ele parou, pôs os pacotes no chão, todos olharam; o japonês que vendia as flores, os homens que batiam papo, uma mulher gorda, e ela também olhou...

O homem viu uma flor arrancada no chão, uma flor de ninguém, amarela como o sol, dessas que as crianças desenham no papel. Estava de bruços, sem o caule. Ele pegou a flor num gesto terno e a cheirou. Ele se lembrou... da sua terrinha terra, disse, é bem longe, ninguém conhece a minha terra lá no norte... balbuciou o nome da terra, ela não ouviu, estava triste. Pensou, será que alguém se lembra de alguma coisa aqui em São Paulo? Ela ficou mais triste. O homem sentia saudade da sua terra, queria falar da sua terra, que terra era essa? O homem sem terra foi-se embora.

Na volta para casa viu o jornal, uma notícia triste sem fim, lá no norte de Pernambuco, mãe perde três dos seus quatro filhos. Morreram todos em vinte e sete horas, a mãe disse que tudo aconteceu porque comiam terra... Que terra é essa que mata os filhos? No hospital disseram: "Inanição". "Inanição", palavra



difícil, será que precisa procurar no dicionário? Será que lá é a terra do homem da flor amarela?

Voltou a sentir a tal dorzinha, dor aguda. “Angústia”, dor sufocante.

* Este conto foi publicado, anteriormente, na revista *Polímica*, n. 2, mar.-abr. 1979.

** **Hadasa Cytrynowicz** é Professora, tradutora e escritora.